Ano IX — Lisboa, Setembro de 1953 — N.º 101

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO AVULSO 1$50

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
AJUDA — LISBOA
TELEFONES
Red. 36607 — Admin. 38849

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

O 40.º aniversário da Associação dos Escoteiros de Portugal



No dia 6 de Setembro corrente passou o 40.º aniversário da fundação da Associação dos Escoteiros de Portugal, aniversário que todas as associações escoteiras têm comemorado com relevo e que nós não podemos nem queremos deixar de assinalar nas colunas deste mensário, que há quase nove anos serve ininterruptamente o Escotismo Português, em horas difíceis e em horas fáceis, sem ou com compreensão dos mais altos dirigentes, mas sempre fiéis ao espírito escoteiro e com a simpatia daqueles que, nesta larga jornada, dentro ou fora das fileiras, têm também sido fiéis à Promessa um dia feita.

Queremos ainda assinalar este facto porque nenhuma outra associação tem tanto motivo para evocar as origens do escotismo, visto que conseguimos nessa data, já distante, organizar um movimento que cresceu e se impôs a um público indiferente, realizando uma obra cujo prestígio tem resistido a 15 anos de enfraquecimento, enquanto agora não temos conseguido vencer a apatia em que os Escoteiros de Portugal caíram. Se nem as dificuldades nem as facilidades têm conseguido despertar energias criadoras, importa um regresso às origens em busca da inspiração que conduziu os fundadores ao sucesso.

Foram apenas três os grupos que constituíram a Associação. O n.º 1 da União Cristã da Mocidade, o n.º 2, e o n.º 3 do Liceu de Pedro Nunes. Eram seus entusiastas dirigentes e fundadores, no primeiro grupo, Frank Giles, Roberto Moreton e Rodolfo Horner, já falecidos; Comandante Álvaro de Melo Machado e Dr. António Joaquim Sá Oliveira, respectivamente no segundo e terceiro grupos. Foi este pequeno núcleo que impulsionou o Movimento, a que em breve se agregaram novos dirigentes dedicados e surgiram novas unidades que, como os grupos 5, 6, 7, 9, 11, 13, 15, etc., ficaram a assinalar o brilhantismo da história dos Escoteiros de Portugal, onde se formaram tantos rapazes que nos mais variados sectores da vida nacional têm ocupado e ocupam posições em que dignificam honrosamente o movimento escoteiro e tanto contribuem para a atmosfera prestigiosa que, apesar de tudo, rodeia ainda o escotismo.

Assistem-nos pois razões e fortes para comemorar o 40.º aniversário da A. E. P., recordando os seus fundadores: o seu primeiro presidente, o Dr. Sá Oliveira, educador devotado, que desde o primeiro número do «Sempre Pronto» nos honra com a sua assinatura, mostrando, apesar da sua avançada idade, o mesmo interesse pelo escotismo, parecendo-nos que nos chegam ainda aos ouvidos, em revoada de saudade, as palavras quentes, sinceras e autorizadas que, em momentos tão solenes e perante as figuras mais representativas da Nação, tanta vez proferiu a favor do Escotismo. O primeiro escoteiro-chefe geral, Comandante Melo Machado, também assinante deste mensário, dirigente de acção que à frente dos rapazes marchava para o campo, impulsionando-os para as actividades, indiferente ao tempo e às canseiras próprias, comunicando a todos a energia do seu carácter e o espírito tenaz que conduziu tantos à conquista do seu lugar na vida. Se neste 6 de Setembro os escoteiros portugueses deveriam deixar um ramo de saudade na campa de Roberto Moreton, alma de eleição em quem a juventude sempre encontrou um amigo indefectível e um conselheiro sábio, em quem os Escoteiros de

(Conclui na 2.ª página)

V "ROVER MOOT" MUNDIAL

(Atrasado na Redacção)

CONVENTUS JUVENUM 1953 AD FONTES KANDERSTEG

Conforme é do conhecimento dos nossos prezados leitores, inaugurou-se em 28 de Julho passado o V Acampamento Mundial dos Caminheiros, no qual Portugal esteve representado por três elementos: O Escoteiro-Chefe Samuel Vieira, do Grupo n.º 10; um Caminheiro e um Assistente Religioso do Corpo Nacional de Escutas.

Samuel Vieira, que aceitou o encargo de representar o nosso jornal, enviou-nos da Suíça as primeiras notícias e diz-nos:

«O local é belo, lindíssimo, a meio do campo passa um rio cuja nascente é nas montanhas que formam este vale; a corrente traz uma força tal que a duas dezenas de metros ouve-se distintamente o ruído característico da água passando pelas pedras. Este rio tem uns 8 metros de largo e algo de fundo. A temperatura da água é muito baixa. O cenário da montanha é admirável. Do acampamento, parte um funicular que passa sobre um dos montes e vai até algures do outro lado.

«O acampamento visto do alto deve ser lindíssimo. Creio que poderá parecer um vale verdejante salpicado de pontos brancos, verdes, amarelos, etc.

«A organização é interessante e agradável; as escoteiras colaboram e até os rapazes pequenos (scouts) fazem serviço de trânsito, etc. Numa palavra: — Óptimo!

«Mas... triste, muito triste. É que chove, pode dizer-se que tem chovido continuamente desde o início. Lamaçal por todo o lado que a erva disfarça mas que não impede que os sapatos, as meias e a roupa sejam sujos. Os Caminheiros andam com impermeáveis, blusões, camisolas, capas, etc. a maioria usa botas de montanha e meias grossas, até as escoteiras! As tendas, molhadas, metem água. Claro que há aqui bom material e rapazes para quem este tempo não faz sombra; os Suíços, por exemplo, estavam preparados; os próprios Ingleses têm bom equipamento. De espaço a espaço chove; quase toda a noite o ruído da água batendo nas tendas não cessou».

Como não há mal que sempre dure, no dia 4 já Samuel Vieira nos dizia: — «Alegria! Apareceu o Sol, alegria geral em todo o acampamento, onde estão para cima de 3.400 Caminheiros de países diversos. De manhã o tempo esteve indeciso, mas pela tarde resolveu-se e embora ainda não

(Continua na 2.ª página)

O 40.º aniversário da A. E. P.

(Continuação da 1.ª página)

Portugal encontraram nos momentos difíceis o guia prudente e o espírito conciliador e imparcial, sempre pronto para toda a boa obra; deveriam também aproveitar o privilégio de ir em jornada de simpatia testemunhar a Sá Oliveira e a Melo Machado a sua gratidão pela obra que ergueram e nos legaram, manifestando a nossa profunda alegria por estarem presentes.

E, neste agradável rememoriar do passado, afastando cautelosamente a neblina de que os anos vão cercando os factos, poderíamos talvez descortinar as causas do êxito dos pioneiros do Escotismo em Portugal. A nós, neste olhar retrospectivo, parece-nos divisar bem claro a grande razão de sucesso tal notável que hoje nos apetece comemorar e que traduziremos por uma só palavra:—FIDELIDADE. Fidelidade à promessa e lei escoteiras, fidelidade às directrizes de B.-P. A fidelidade à Promessa deu a alma ao Movimento e agregou um escol de rapazes que através de todas as dificuldades marcou a sua presença em gestos generosos e nobres, feitos assinaláveis, em nada comparáveis a essa caricatura de escotismo a que já alguém chamou espírito *pompier*. A fidelidade às directrizes de B.-P. deu a característica ao Movimento, conquistou os rapazes e prestigiou os chefes que, apesar de os termos tido cultos e inteligentes, preferiram enriquecer os conceitos do Fundador com o seu próprio saber, a desvirtuá-los com as suas concepções pessoalíssimas e díspares.

Seria ainda a maior homenagem que poderíamos prestar aos pioneiros do Escotismo em Portugal se, neste 40.º ano, voltássemos às origens, como fonte revificadora. A forma prática de realizar este propósito seria a publicação em língua portuguesa, em tradução fiel do original, do «Escotismo para Rapazes» de B.-P., colocado como manual de acção dos grupos de escoteiros. Com grupos fracos, desorganizados, sem dirigentes idóneos, não pode haver associação escoteira digna desse nome. Há 40 anos foi possível constituir a A. E. P. porque existiam três grupos de escoteiros cheios de vitalidade e bem orientados, tendo a Promessa e a Lei como norma de conduta de cada um dos seus membros.

Hoje, conseguiremos de novo erguer uma associação escoteira

(Conclui na 6.ª página)

V "ROVER MOOT" MUNDIAL

(Conclusão da 1.ª página)

esteja muito seguro já se vêem canadianos de tronco nu.

«Os Suíços, os Alemães, os Ingleses e os Franceses estão aqui em maioria; também há muitos Canadianos. Chegam aqui, com frequência, muitos autocarros com excursionistas e entre eles muitas escoteiras norueguesas e belgas.

«Apesar do mau tempo, o programa tem sido cumprido embora algumas actividades tenham sido feitas em abrigos, até mesmo as festas de campo que estavam planeadas para o ar livre. As cerimónias religiosas foram também feitas debaixo de lona. As conferências têm um aspecto interessante. Têm-se realizado nas cantinas dos diversos subcampos, onde, num estrado, Delegados de meia dúzia de países apresentam os assuntos, seguindo-se depois discussão em que qualquer Caminheiro pode tomar parte» (...)

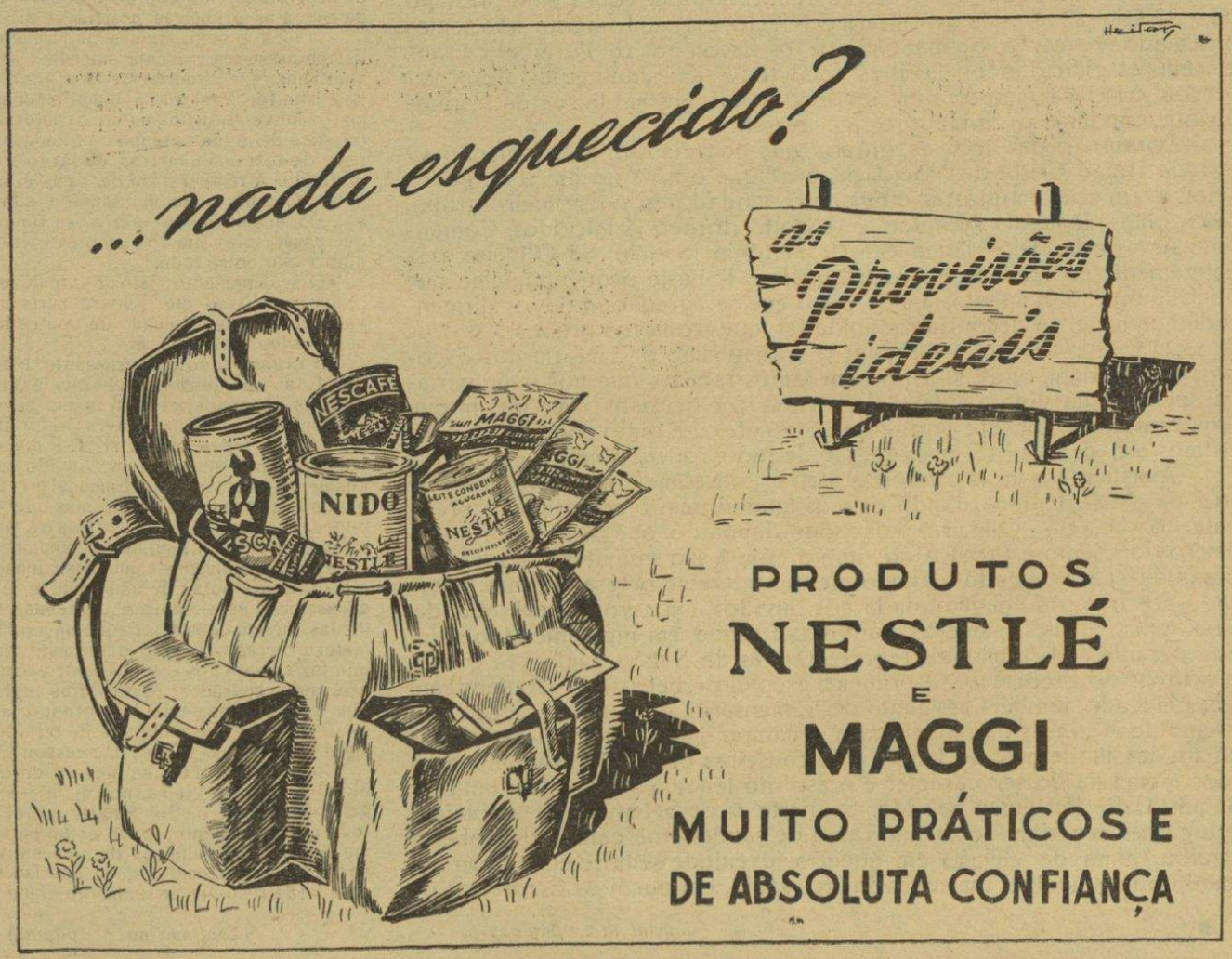
«A nossa Bandeira está hasteada junto da minha tenda num ponto visível. «Saudações para todos os meus irmãos escoteiros portugueses».

SAMUEL VIEIRA

FALTA DE ESPAÇO

A publicação de dois números especiais seguidos, comemorativos da centena de publicações e do 40.º aniversário da A. E. P., forçou-nos a retirar, por falta de espaço, muito original, entre o qual se encontra a reportagem do V «Rover-Moot» Mundial, as notícias dos aniversários dos Grupos 93 e 94, o agradecimento às felicitações que nos foram enviadas a propósito do número 100, etc., etc.

Aos nossos estimados assinantes e colaboradores apresentamos, por este motivo, as nossas desculpas.



O Sr. Rev. Eduardo Moreira

fala-nos acerca do Escotismo Português de há 40 anos

O Rev. Eduardo Henriques Moreira, um dos pioneiros do Escotismo em Portugal, tem evidenciado, através de largos anos, um interesse muito especial pelo Escotismo. Possuindo uma vasta cultura e tendo acompanhado desde as primeiras horas a evolução do Movimento em Portugal, as considerações do Rev. Eduardo Moreira merecem, por estes motivos, ser escutadas com toda a atenção, tanto mais que este antigo dirigente escotista alia ainda àquelas qualidades um profundo conhecimento do Escotismo como método pedagógico.

O «Sempre Pronto» orgulha-se de publicar algumas opiniões deste seu prezado Amigo, numa curta entrevista que teve a amabilidade de nos conceder. Depois de lhe darmos parte das nossas intenções e concedida a sua anuência, iniciámos assim o nosso questionário:

—Como explica o autêntico entusiasmo com que o Escotismo foi recebido, há 40 anos, pela juventude portuguesa, em comparação com a quase completa indiferença com que ela actualmente o acolhe?

O Rev. Moreira responde imediatamente:

—Foi de facto autêntico o entusiasmo pelo escotismo, em Lisboa, ao surgir esta ideia trazida por dois rapazes ingleses. Poderão apontar-se razões como estas: a nossa maneira de ser, neofílica e de rápida apreensão e conformidade, e o prestígio que tem para um povo pequeno e afastado do centro europeu o que vem «de fora». Mas não posso esquecer a exuberância de vida espiritual e afectiva de Rodolfo Horner, o secretário geral da União Cristã da Mocidade, que apadrinhou desde logo os desejos de Frank Giles e do seu companheiro. Da minha adolescência, tenho reminiscências de se haver tentado a marcha, mais ou menos militar, e o canto coral, nas escolas oficiais; muito mais tarde se organizaria a Instrução Militar Preparatória; mas todos sabemos que alguma coisa faltava nessas iniciativas, o «quid» que o génio de Baden-Powell descobriu e aplicou. Nem todos o têm compreendido, e até o «Léxico» oficial da Academia das Ciências erra, apodando de militar o movimento escotista. Mas não tratemos disso agora.

«A indiferença de hoje estará no facto de que já não há novidade aparente no escotismo, e a «novidade permanente» dos seus êxitos só se descobre na sua utilização. Outra causa é a ingratidão que nos caracteriza, e que só se vence na cultura de ideais superiores. Suspeito que muitos dos que muito lucraram com o escotismo, mesmo imperfeitamente realizado, têm esquecido a origem dos seus êxitos.

Era a ocasião de fazermos nova pergunta:

—Pode recordar-nos os factos mais importantes desses primeiros anos do Escotismo em Portugal?

—Esfumaram-se na minha memória sucessos de há quarenta e de há trinta anos. Talvez porque, mesmo quando olho para trás, o meu pensamento se volta para diante. Acampamentos cheios de vida, desfiles cheios de cor, visitas cheias de afecto de irmãos escoteiros de outras pátrias; o auxílio prestado a Sacadura Cabral no seu primeiro desastre de aviação; o encontro com o Escoteiro-chefe Fundador, são tudo incidentes de relevo que valem pela renovação de entusiasmo que trazem; mas é no contacto directo e constante, na vida colectiva e no progresso individual obtido na sede do grupo, no convívio da patrulha, no fogo do campo, que reside a razão de ser do movimento.

Depois da enumeração destes factos que demonstram com evidência a actividade insistente dos primeiros escoteiros do nosso país, e para terminar o nosso interrogatório, quisemos ser esclarecidos sobre outra importante faceta da vida escotista. Perguntámos-lhe:

—Poderá o Movimento exercer uma acção francamente útil entre as camadas juvenis das Igrejas Evangélicas?

—Quanto a uma acção francamente útil poder ser ser exercida ainda, entre as camadas juvenis das Igrejas Evangélicas, não tenho a menor hesitação em afirmá-lo, desde que se faça escotismo não meramente «de fachada», desde que se não sobreponha a «técnica» ao espírito pedagógico, para que tudo que no movimento «se vê» seja o resultado duma acção interior, como no próprio fenómeno da vida.

«O Escotismo confessional, praticado num espírito de sadia tolerância, arredando o escoteiro de sectarismos estreitos, tem um lugar de certo modo insubstituível no plano educativo da nossa juventude.

«A sociedade em que vivemos, não só a portuguesa, entenda-se, bem necessita desses grãos de sal pequenos embora, que evitem a corrupção provocada pela falta de cavalheirismo, de hombridade, de «espírito de equipa», de prontidão de serviço. Jesus Cristo, o Escoteiro Modelo, o Cavalheiro dos Séculos, o Homem, nos suprirá as faltas nessa camaradagem de afectos de fecundo efeito».

Tínhamos chegado ao fim das nossas perguntas. Agradecemos ao Sr. Rev. Moreira o seu valiosíssimo depoimento e a gentileza com que nos recebera, fazendo votos que as suas observações e pontos de vista possam frutificar para bem do Escotismo de Portugal.

JOEL RIBEIRO

ACTIVIDADES ESCOTISTAS

LISBOA

GRUPO N.º 5

Os escoteiros deste grupo partiram no dia 31 de Agosto último para o tradicional acampamento de férias na Arrábida. O «Sempre Pronto» deseja-lhes férias felizes e *boa caça*.

ENTRONCAMENTO

GRUPO N.º 84

24.º aniversário — Para comemorar o seu 24.º aniversário, este grupo realizou um acampamento no Casal do Vidigal. Durante a festa de campo levada a efeito, prestou compromisso de honra o aspirante João Carvalho Costa, tendo sido sua madrinha a menina Maria Helena Amorim, gentil filha do escoteiro-chefe do «84», Sr. Amorim. Várias pessoas, entre as quais muitas meninas, visitaram o acampamento.

Banda do Grupo—No dia 9 de Agosto, a Banda deste grupo efectuou mais um concerto no Jardim-Parque do Entroncamento. A assistência que era numerosa, aplaudiu os executantes pela sua excelente actuação.

ANGRA DO HEROÍSMO

GRUPO N.º 52

Os escoteiros deste grupo estiveram acampados nos últimos dias de Julho, no lugar dos Cinco Picos, para treino dos novos aspirantes. Durante o acampamento foi feita uma excursão a corta-mato ao Pico dos Cravos e arredores.

Escoteiros da União Sul-Africana em Lourenço Marques

Em 29 de Junho passado chegaram a Lourenço Marques 30 escoteiros de Johanesburgo, chefiados por E. A. Clark, que ficaram acampados no Parque «José Cabral». Estes demoram-se três semanas naquela cidade, em acampamento muito bem montado. Eram convidados da Mocidade Portuguesa, tendo ao seu serviço três intérpretes daquela organização.

O nosso camarada Ernesto Leitão visitou o acampamento e trocou impressões com os visitantes. — C.

O Sr. Comandante Melo Machado fala-nos da sua experiência do escotismo, afirmando que é o melhor meio de educação da mocidade que conhece

O Comandante Melo Machado é, sem dúvida, o Escoteiro n.º 1 de Portugal. Foi ele que em terras lusitanas primeiramente meteu ombros à organização de um agrupamento escotista, em Macau, em 1911. A sua actividade não se restringiu àquele rincão asiático, pois, regressado à Metrópole, colaborou no grupo n.º 2 e foi o primeiro escoteiro-chefe geral da A. E. P. Coagido pela sua vida particular a abandonar a actividade, o Com.te Melo Machado permanece o escoteiro de sempre, com o mesmo entusiasmo e a mesma fé no Escotismo.

Tendo chegado há pouco de uma viagem a África, o Sr. Com.te Melo Machado não quis deixar de atender a nossa solicitação, respondendo às nossas perguntas.

— Como é que o Escotismo foi aceito pela juventude portuguesa nos primeiros tempos do Movimento no nosso País?

— Tenho a impressão de que o escotismo não foi inicialmente aceito com grande entusiasmo pela mocidade da época, porquanto só um número muito reduzido de rapazes se apresentavam para formar os grupos que então se iniciaram. Nesse tempo, muito convulsionado, só a boa vontade e a persistência daqueles que procuraram organizar esses grupos, conseguiram vencer as resistências de várias ordens que obstavam à propagação do escotismo, que todos ignoravam o que fosse.

«Em Macau, onde se formaram os primeiros grupos de escoteiros que existiram em território português, só devido à minha situação oficial de Governador da Colónia e aos meios excepcionais de que podia dispor, assim como à grande dedicação do Capitão Torre do Vale, que nessa Colónia se encontrava, foi possível fundar e pôr em actividade o escotismo. Os rapazes e raparigas que então constituíam esses grupos ingressaram neles com boa vontade e, principalmente, com curiosidade; não poderei dizer talvez que o fizessem com entusiasmo.

—E como é que nasceu a Associação?

— Em Portugal, começaram-se, depois, a constituir alguns grupos, entre eles o da União Cristã da Mocidade o n.º 1, e, depois, o grupo n.º 2, cuja instrução me convidaram a dirigir quando aqui cheguei, vindo do Oriente. Com esses poucos elementos, esboçou-se a constituição da Associação dos Escoteiros de Portugal. Lembro-me do Dr. Sá Oliveira e Eduardo Santos, que muito se interessaram e fizeram para que essa Associação tomasse corpo e se desenvolvesse, embora com muita lentidão.

—E atingiu, de facto, bom desenvolvimento a Associação?

— O meio de então recebia o escotismo e os escoteiros com desconfiança. Cada uma das facções políticas que então se digladiavam atribuíam a esse movimento incipiente tendências políticas contrárias às suas. As famílias receosas dos perigos que os seus rapazes poderiam correr nos exercícios e passeios, não facilitavam a nossa missão. Lembro-me de que, no primeiro passeio que organizei para a única patrulha do grupo n.º 2, quando cheguei à estação do Cais do Sodré para embarcar com os rapazes para a Outra Banda, encontrei um número grande de senhoras das famílias dos rapazes que, a todo custo, os não queriam deixar seguir sem que elas os acompanhassem. Saí vencedor dessa *refrega* e os rapazes embarcaram só comigo, mas não sem grande trabalho para convencer essas senhoras a que me confiassem os filhos.

«Só depois da revolução de 14 de Maio de 1915, durante a qual os escoteiros se portaram com muita galhardia, socorrendo os feridos e prestando outros serviços humanitários, eles começaram a ser olhados com certa simpatia. Mas, a esse tempo, e como muitas vezes acontece no nosso País, dissenções e maneiras diferentes de encarar as coisas, dando origem aos adueiros e a grupos de escoteiros dissidentes da Associação, causaram perturbações no espírito público e nos próprios rapazes. Não posso dizer, em verdade, que tenha alguma vez notado grande entusiasmo na mocidade portuguesa pelo escotismo. Os que pertenceram aos vários grupos que se organizaram eram dedicados e entusiastas, mas o seu número era, e foi sempre, muito reduzido.

— Pouco mais ou menos, quantos escoteiros é que se reuniam nas actividades regionais?

—Quando em Lisboa se realizavam exercícios gerais, aos quais compareciam todos os grupos existentes em Lisboa, raramente se reuniam mais de 200 escoteiros, aliás cheios de entusiasmo e dedicação. Ainda hoje considero como das poucas boas obras que tenho praticado ter conseguido formar o carácter de alguns desses rapazes e saber que pela vida fora se têm portado como verdadeiros escoteiros.

— Porque se dispôs a experimentar o escotismo em Portugal?

—Eu entusiasmei-me pelo escotismo, quando me foi dado conhecer a sua existência, por o considerar, como um admirável processo de educação da juventude, e cheguei à convencer-me de que, através dela, seria possível modificar a mentalidade da gente portuguesa se pudesse conseguir que muitos milhares de rapazes se filiassem nos grupos que viessem a organizar-se. Mas, mercê das circunstâncias que influenciaram a época, a minha desilusão foi muito grande porque o número de escoteiros foi sempre muito reduzido — lamentàvelmente reduzido—e o movimento sempre contrariado por incompreensões, dissidências e principalmente, falta de recursos. Nos locais em que os grupos se constituíram com a protecção de entidades influentes (Macau e Lourenço Marques) que lhes podiam dar os meios materiais necessários, o escotismo tinha no meio uma influência notável e os seus benéficos efeitos eram reconhecidos. No entanto, continuo a pensar como sempre: o escotismo é o melhor meio de educação da mocidade que conheço e valeria a pena desenvolvê-lo em grau que permitisse exercer uma sensível influência nos nossos rapazes e raparigas. Como meio de formação do carácter acho-o admirável.

— Senhor Comandante: é de opinião de que o escotismo tem possibilidades de se desenvolver no nosso País?

—Acho que o escotismo tem condições de se desenvolver em Portugal se for convenientemente orientado e se for possível obter para ele, senão a simpatia, pelo menos a *não* antipatia das estações oficiais. Suponho que a falta de um manual, embora várias vezes iniciado e cuja continuação se tentou sem resultados, e que deveria constituir um orientador geral, foi muito prejudicial. Se se puder remediar agora essa falta e conseguir-se bons chefes e alguns recursos materiais indispensáveis, creio que se conseguirão resultados compensadores.

O Sr. Comandante Melo Machado tinha terminado as suas declarações. Nós sentíamo-nos duplamente satisfeitos: pela amabilidade com que fôramos acolhidos e pelo valioso punhado de opiniões, conceitos e informações que tínhamos conseguido de figura tão prestigiosa para nós, escoteiros. Aqui exaramos os nossos agradecimentos pela honra concedida.

JOEL RIBEIRO

Um interessante documentário dos primeiros passos do Escotismo na nossa Terra, num valioso depoimento do Sr. Dr. Tovar de Lemos

O Dr. Tovar de Lemos é uma figura que não necessita de ser apresentada. Os mais velhos bem se recordam dele e dos mais novos talvez poucos hajam que não o conheçam. É que o Dr. Tovar de Lemos é um dos grandes entusiastas do Escotismo, pelo qual não se importa de sacrificar algumas das suas poucas horas de lazer, como prova a sua folha de serviços ao Movimento, tanto como Presidente da Associação como Comissário Nacional e outros cargos que tem desempenhado com inexcedível zelo.

Convidado para dizer algumas palavras para o nosso jornal, o ilustre clínico dispôs-se prontamente a responder ao nosso interrogatório, pelo que formulámos a primeira pergunta:

— Pode descrever-nos alguns dos factos que revelem o entusiasmo com que os jovens escoteiros de há 40 anos receberam o escotismo no nosso País?

— Quarenta anos de vida de uma instituição, com a finalidade a que esta é destinada, representa, em primeiro lugar, quanto eram fortes os alicerces sobre que se construiu a obra, que tem resistido aos estragos do tempo, às evoluções da Sociedade, ao embate das paixões, às tentações de destruição e renovação próprias da Humanidade, e representa também quanto o ideal escotista se infiltrou no espírito dos seus primeiros cultores, que o souberam erguer, manter e difundir de tal modo que ainda hoje existe.

«1913 e 1953: Como são distantes as épocas, como era diferente a vida naquela data! O ambiente era propício, o Movimento, cheio de prestígio, rodeava-se de uma mística que encantava os rapazes, havia no fundo de toda aquela organização, no fundo de tudo aquilo, qualquer coisa de mistério que seduzia os garotos e não deixava de agradar às famílias.

«Já Melo Machado, lá para as bandas do Oriente, o lançara em Macau, e em África já rapazes portugueses faziam escotismo. O que seria aquilo?

«Havia, é certo, os preconceitos, o receio dos pais de nos confiarem seus filhos para os acampamentos, havia o medo do ar, às noites no campo, aos calções curtos dos mais taludos, mas havia o entusiasmo de Melo Machado, de Ernesto de Sousa, de Joaquim Borrego, de Sá Oliveira, de Roberto Moreton, Eduardo Moreira, Pai Curzon e de outros que depois lhe seguiram as pisadas. As suas personalidades, as suas posições sociais, as suas inteligências souberam traçar a estrada que o Escotismo deveria seguir entre nós. E a Associação fez-se com os grupos 1, 2 e 3.

E o nosso interlocutor prossegue nas suas divagações:

— Seria interessante relembrar depois as dissidências e organizações semelhantes que houve nos primeiros 20 anos. A maior parte, porém, sem qualquer valor, mais do que simples episódios fugazes, deu origem a grupelhos de que o mais interessante eram as designações que tomavam para si.

«Nem vale a pena falar nelas. Limitamo-nos a citar as de algum valor, como os escoteiros municipais, os adueiros e, por último, os Escutas que hoje nos acompanham adentro da mais leal camaradagem e respeito mútuo.

E continua:

— A obra de início exigiu esforços grandes. É sempre assim. Aos cabouqueiros, que abrem a terra onde depois se erguem os edifícios, exige-se um esforço que, passado anos, está esquecido. Quem olha para um palácio, admira-lhe a arquitectura, as pinturas, as decorações, obra de talento sim, mas de instrumental ligeiro, lápis, papel, tintas, brochas e pincéis. Já ninguém recorda as pesadas picaretas, as enxadas e pás com que se rasgou a terra e, por vezes, a pedra quando se encontrava, e foram tantas...

Era a altura de prosseguirmos no nosso questionário:

— Terá o movimento possibilidades de progredir em Portugal?

E o Dr. Tovar de Lemos não hesita:

— Hoje, porém, as coisas mudaram. Mudou o ambiente, mudaram os homens, mudaram os rapazes. Mudou o Escotismo? Pretender a sua pureza ortodoxa apesar da mudança de tudo que o rodeou de início será possível e útil? O escoteiro considerado perfeito em 1913, poderá existir em 1953? Quero dizer: poderá resistir, poderá viver na época presente? Será um espectro do passado que se ergue, de vara na mão, para acusar a vida presente, ou será um cordeiro que cai na boca dos actuais lobos? Eu creio na necessidade de adaptação do Escotismo à época actual, tendo em vista o fim a atingir: — o Homem são, física e moralmente. — E exactamente porque os conceitos sobre a beleza física e a moralidade têm evolucionado, por isso há que preparar o rapaz para a época em que tem de viver. Não o fazer será remar contra a maré.

E a concluir o seu depoimento, o Sr. Dr. Tovar de Lemos afirmou:

— O que eu agora disse, foi sem me recordar que o vosso Presidente é o Sr. Comandante Tenreiro, capaz de remar contra todas as marés, e que se isto não for a braços... talvez vá à vela.

Tínhamos chegado ao fim da nossa missão e, portanto, abandonámos o consultório deste nosso estimado Amigo, não sem lhe agradecermos a solicitude com que nos havia atendido e o felicitarmos pelas suas interessantes declarações.

JOEL RIBEIRO

O GENERAL D. C. SPRY

Director da Repartição Internacional de Escotismo, saúda, através do "Sempre Pronto" os escoteiros de Portugal.

O Chefe Samuel Vieira trouxe do «Rover-Moot» a seguinte mensagem de saudação:

Tenho felizes recordações da minha última visita ao vosso belo e simpático país. Espero poder em breve voltar a visitar-vos e deste modo dar alguma ajuda para promover a Fraternidade Escoteira entre os vossos rapazes.

Bom Escotismo!

D. C. SPRY

Boy Scouts Internacional Bureau

Kandersteg, 7-Agosto-1953.

Escoteiros estrangeiros visitam Portugal

Durante este Verão, época da maior intensidade das actividades escotistas, vários escoteiros estrangeiros têm visitado o nosso País e feito acampamentos.

Em primeiro lugar, visitaram-nos 42 escoteiros franceses de Aubenas, dos «E. de F.», aos quais se proporcionaram diversos passeios na zona de Lisboa. A Direcção da A. E. P. ofereceu-lhes um jantar na sede central.

Foi depois a vez de 36 escoteiros escoceses virem ao nosso País, tendo visitado Lisboa, Coimbra, Setúbal e Leiria. Em Lisboa, estes escoteiros estiveram acampados na Costa da Caparica e, acompanhados do Sr. Comodoro Duarte Silva, visitaram a sede do Grupo 85, a fragata «D. Fernando» e vários monumentos da cidade.

Na sede central foi-lhes oferecido um jantar, pela Direcção.

32 guias francesas estiveram de visita ao nosso País, tendo passado por Lisboa, Sintra, Batalha e Fátima.

18 escoteiros universitários ingleses do colégio Chaterhouse, acamparam na Ilha de Santa Maria (Açores), onde vão efectuar estudos geológicos. Para aquela ilha, partiu o nosso agente-correspondente em Angra do Heroísmo, o escoteiro-chefe do Grupo n.º 52, Sr. Moniz Silva, com o fim de prestar colaboração aos forasteiros.

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

A NOSSA CONSCIÊNCIA E NÓS

O MEDO, MAL DO NOSSO TEMPO



Como estrela no seio do firmamento, o Homem está em todos os momentos submetido a diversas influências que tão depressa o atraem como o repelem, mas que, ao fim de contas, como resultado, decidem a trajectória da sua vida. O número destas acções é infinito e não sei, portanto, se há alguma delas que tenha um ascendente superior ao do medo.

Como verdadeiros ímans, tanto puxamos para o nosso lado as coisas que desejamos como aquelas que receamos. Talvez mesmo o apelo que lançamos àquilo que tememos seja mais bem ouvido do que aquele que enviamos àquilo que nos convém. Porque a dúvida impregna sempre a nossa esperança, enquanto os nossos temores estão virgens dela.

Abri um livro de História — ou um jornal... — imparcial. Vereis se o medo não impele a preparar as munições e depois a servirmo-nos delas, porque, se não é ele que faz eclodir as guerras, é pelo menos o que acciona a arma provocadora de tantas mortes.

Examinai a consciência. Repararеis que as nossas derrotas, os aborrecimentos, as enfermidades, os sofrimentos são filhos do temor, assim como o é o nosso ciúme que nos é ditado pelo medo de perder um ente querido, ou a agressividade que é inspirada pelo receio de ser vencido. Porque, comparável a um ácido, o medo não ataca sòmente o nosso moral; rói, de igual modo, todo o nosso corpo e pode provocar um verdadeiro abatimento físico. Vivendo constantemente num tal clima, receando chegar tarde, tendo medo de não se sair bem disto ou daquilo, de desagradar, deixamo-nos mergulhar lentamente numa tristeza paralisante, na mediocridade.

Como tudo seria diferente, contudo, se o terror desaparecesse da superfície da terra! Porque, com ele, se iria o ódio e todos os acordes inúteis porque não são respeitados. E a pomba poderia proteger o mundo, vindo, num voo delicado e frágil, depor aqui o raminho de oliveira, trazendo a paz, a felicidade e a abundância.

E seria isso fácil? Bastaria que nós quiséssemos. Lembrai-vos da coragem dos vossos primeiros anos. Para dar o primeiro passo, não é preciso que uma criança tenha quase tanta audácia como a que seria necessária a um adulto para mergulhar no Sena, saltando do alto da Torre Eiffel? Em novos não conhecemos nenhum perigo. Não é isto uma prova flagrante do facto do nosso medo não ser natural mas adquirido? Portanto, não poderemos nós libertarmo-nos dele da mesma forma como nos deixámos dominar por ele?

O mal não pode fazer-nos proferir senão palavras como: «Tu vais-te queimar!» ou «Tu vais cair!», etc. Elas são inúteis porque a nossa experiência se teria encarregado de nos prevenir de uma maneira muito mais eloquente. Elas são nocivas porque fazem com que a criança coloque a sua segurança nas mãos de outrem e também porque fazem nascer nela o *medo* e não a *prudência*. Ora prudência não é jamais sinónimo de medo! Muito pelo contrário. Em nove vezes de dez, o medo transforma-nos nos autores dos nossos próprios infortúnios. É o pior conselheiro e o mais poderoso auxiliar do mal.

Em ocasiões de incêndio ou de acidentes, o pânico produz muito mais vítimas que o próprio incêndio ou acidente.

Ao rejeitarmos o medo e ajudando aqueles que nos rodeiam a não se deixar tomar por ele, estaremos a trabalhar muito pela salvação de um mundo moribundo. Porque, seja o que vier, o futuro não pertencerá aos fracos.

Lisboa, 4 de Agosto de 1953.

FRANÇOIS BARADEZ

O 40.º aniversário da A. E. P.

(Conclusão da 2.ª página)

digna, se, num regresso às origens, afirmarmos por actos firmes a nossa fidelidade ao espírito de B.-P., marcando com a flor de lis, como símbolo do nosso Ideal, o sentido do rumo. E nós queremos ver, nesta marcha cautelosa dos novos dirigentes dos Escoteiros de Portugal, o desejo de enveredar pelo bom e recto caminho. Saibam eles desenvencilharem-se das dificuldades e seguir a pista num espírito de fidelidade aos grandes princípios que norteiam o escotismo, em leal cooperação com todos aqueles que têm sabido honrar a sua Promessa, e o êxito lhes estará certamente reservado.

I Concurso de Fotografia Escotista

Estamos em plena época de Campismo, época ideal para fazer boas fotografias que ficarão a documentar as interessantes actividades escoteiras e as belas paisagens onde as mesmas se desenrolam.

O nosso Concurso Fotográfico, que tanto interesse está despertando, será ainda uma forma de cada Grupo mostrar a sua actividade. As fotografias podem ser feitas por escoteiros ou não-escoteiros, a única condição é que sejam amadores fotográficos.

O prazo para a entrega das fotografias, nas condições expressas no Regulamento publicado no nosso número de Maio, termina em 31 de Outubro p. f.º e podem versar os seguintes temas:

MOTIVO ESCOTISTA

TÉCNICA ESCOTISTA OU CAMPISTA

PAISAGEM E OUTRAS MANIFESTAÇÕES DA NATUREZA,

para os quais há valiosos prémios.

O êxito do nosso concurso deve-se em grande parte à colaboração que nos é dispensada pelas casas de artigos fotográficos seguintes:

J. C. ALVAREZ, LDA., Rua Augusta, 205 e 207, em Lisboa, depositários dos artigos FERRANIA.

SELECÇÃO FOTOGRÁFICA, LDA., Rua da Misericórdia, 19 a 21, em Lisboa, artigos fotográficos.

INSTANTA, LDA., da Rua Nova do Almada, 55-57, em Lisboa, todos os artigos para fotografia.

ROIZ, LDA., Rua Nova do Almada, 82, em Lisboa, depositários dos artigos e películas PERUTZ.

AGÊNCIA FOTOGRÁFICA, LDA., Rua da Prata, 205, em Lisboa, depositários dos artigos fotográficos AGFA.

FOTOCOLOR, casa de artigos fotográficos e de CINEMA, Rua do Ouro, 291 e 293, em Lisboa.

• • o • •

O Presidente da União dos Escoteiros do Brasil visitou o nosso País

O Sr. Dr. Vítor Coelho Bouças, presidente da União dos Escoteiros do Brasil, que anda em viagem pelos países da Europa, passou por Lisboa no passado dia 21 de Agosto, tendo seguido no dia 22, para Sevilha.

Durante a sua estadia na capital, o ilustre visitante avistou-se com diversas entidades escotistas e visitou a sede central da A. E. P., onde foi servido em sua homenagem um «Vinho de Honra», durante o qual o Sr. Comodoro Duarte Silva, em representação do Presidente, lhe ofereceu uma caravela em filigrana.

Servir a Deus é a consequência do próprio amor. Porque, se tu amas a Deus, terás grande prazer em fazer aquilo que Lhe é agradável, em trabalhar para Deus, procurando alargar a sua obra na terra através da Igreja e através do Escotismo. Sim, porque o Escotismo é uma obra agradável a Deus.

AMAR E SERVIR A PÁTRIA

Um dos sentimentos dignos de associar o nome de Deus é o amor da nossa Pátria. Este sentimento tem conduzido os homens às mais nobres e valorosas acções e inspirado os actos mais sublimes de abnegação e generosidade.

A Pátria é o torrão querido que nos viu nascer, a casa onde decorreu a nossa mocidade; os prados, os bosques, as montanhas, os rios e ribeiros que serpenteiam através dos vales; o horizonte, ora azul, ora anuviado, que nos extasia os olhos, a cidade, a vila, a aldeia ou a simples choupana onde habitamos; a casa de escola, tão cheia de recordações saudosas, a igreja com o seu campanário mirando do alto tudo à roda.

A Pátria é a família com as suas íntimas alegrias, as suas tristezas que são de todos. As festas do lar doméstico douram de uma luz suave a nossa alma. Quando um luto ou uma desgraça atinge a família, os membros desta como que se aproximam uns dos outros, e, na simpatia que os une, encontram todos poderoso alívio. À medida que os filhos vão estando educados, vão-se dispersando, para fundarem, novos lares: mas os laços do sangue continuam sempre a aproximá los, como ramos saídos do mesmo tronco. Em todas as circunstâncias solenes da vida, a família torna a agrupar-se à roda dos seus chefes; é tim-

Conseguirás assim melhor compreender a imperiosa necessidade de nortear a tua vida pelos princípios enunciados no Compromisso de Honra que tão solenemente prestaste.

Agora que és um escoteiro com algum tempo de serviço e já conheces bastantes coisas do Escotismo, mais apto estás a fazer todo o possível por :

Amar e servir fielmente a Deus e a Pátria ;
Auxiliar o próximo em todas as circunstâncias;
Obedecer à Lei do Escoteiro.

AMAR E SERVIR A DEUS

Não é difícil amar a Deus, como não é difícil amar aquelas pessoas que nos amam. Nós devemos amar a Deus porque Ele nos amou primeiro a nós, cercando-nos da Natureza tão bela, enchendo abundantemente a Terra de tudo aquilo que nós necessitamos, dando-nos a vida que tanto estimamos, e ainda enviando o Seu Filho, Jesus Cristo, ao mundo para que melhor pudéssemos conhecer o Deus de amor e, por Seu intermédio, cada um de nós pudesse ser salvo e reconciliado com o Pai.

Amar Quem tanto nos ama é pois um dever de gratidão. Nós, escoteiros, temos como nosso primeiro dever amar a Deus. E amar a Deus é conduzir-nos na vida segundo a Sua vontade, prestar-lhe culto de adoração, não amar qualquer outra pessoa ou coisa a que não possamos associar Deus. Todas as nossas afeições devem ser elevadas e dignas do nosso amor a Deus. Isso só tornará mais valioso o nosso amor para com todos. O amor da Pátria, o amor dos nossos Pais, dos nossos Irmãos, da nossa Noiva ou Esposa, dos nossos Camaradas, dos nossos Mestres, do Escotismo, do Estudo, da Paz, é sentimento em que Deus se compraz e Lhe é agradável.

Para amar a Deus, não poderás amar o vício, a mentira, a intriga, a maldade e tudo aquilo que a tua consciência te indicar como indigno do amor de Deus.

O êxito de um acampamento mede-se pelo espírito de colaboração dos escoteiros que nele tomam parte. Sempre que uma patrulha vai tomar parte num acampamento, quer o faça isoladamente ou em conjunto com outras, na sede, em reunião de *conselho de patrulha*, é estabelecido o programa e distribuído o serviço de forma a que no campo todos saibam o que têm a fazer e o que lhes compete fazer. A montagem da tenda é trabalho desempenhado por todos, em cooperação, cada um no seu posto próprio. Dois escoteiros seguram nas estacas, metade cada um, e servem distribuindo-as à medida que forem sendo necessárias. O Guia na frente, o Subguia atrás, (se a tenda é canadiana) metem as varas ou os espeques e suas têm-nos nas respectivas estacas.

Os outros quatro escoteiros, cada um no seu canto da tenda, começam imediatamente a estirá-la. (Se a tenda foi armada começando por formar o rectângulo no solo, conhe esse trabalho a estes quatro escoteiros e só depois se lhe meteram os espeques). Uma patrulha bem treinada a armar a sua tenda, de cooperação, poderá chegar a fazê-lo no tempo mínimo de 3 minutos.

Ao Guia compete designar o local para cada instalação, atendendo aos seguintes pontos:

1.º A latrina não se deve colocar do lado de onde sopre o vento para que qualquer mau cheiro não se sinta dentro da barraca ou da cozinha;

2.º As águas de lavagem devem estar a montante, isto é, do lado onde vem a corrente; do lado oposto serão despejadas as águas sujas; a roupa lava-se entre os dois pontos.

Se todo o grupo acampa em conjunto, o Escoteiro-Chefe designará quais os serviços comuns que devem ser desempenhados por esta ou aquela patrulha, cujo Guia designará os escoteiros precisos.

A ordem é condição essencial a um bom acampamento. Cada coisa no seu lugar e um lugar para cada coisa. O máximo asseio, não permitindo nunca papéis ou detritos no chão.

horas depois na rua, viu bastante Gente em frente de uma loja, — o que teria acontecido, perguntou para consigo Paulo e, como escoteiro que é, correu logo para ver se poderia prestar algum serviço. O que se deparou aos seus olhos foi uma das muitas desgraças que acontecem diàriamente: um ardina, quando observava uns objectos expostos cá fora, tocou-lhes e um deles caiu, partindo-se. O dono da loja, um homem de mau aspecto, exigia que ele pagasse, mas ele não tendo com que, chorava amargamente, pois, visto isso, seria preso. É de tantos homens que presenciavam esta dolorosa cena, nenhum havia que pagasse o dano causado desastradamente, que eram 50$00. Então Paulo, pondo à prova a generosidade própria do escoteiro, pagou com os seus 50$00; salvou o rapaz e ficou feliz por cometer um acto desses.

COMO PROCEDE O ESCOTEIRO MAIS FORTE

Dois rapazitos andando um dia a brincar, zangaram-se começando o mais novo dos dois a bater no mais velho, que, apesar de mais velho, não se defendia, procurando só defender-se das pancadas que o outro lhe dava, sem que por sua vez lhe batesse. A certa altura passou um homem que, ao ver isto, perguntou se eles eram irmãos, ao que o mais velho respondeu que não, dizendo-lhe que era vizinho. O homem perguntou-lhe, então, porque era que ele não se defendia também, batendo-lhe, mas o rapaz então respondeu :

— Não posso, porque sou mais velho e mais forte.

O ESCOTEIRO É VERDADEIRO E A SUA PALAVRA É SAGRADA

Um grupo de rapazes andava em doida correria quando, casualmente, um deles foi contra um vidro da janela e o estilhaçou em mil pedaços. Como ninguém tivesse dado pelo desastre, combinaram todos em não denunciar o culpado, para evitar algum castigo. Descoberto o vidro partido, começou o superior a indagar quem o teria quebrado. Um a um, foram chamados os rapazes

mas o condutor disse-lhe, com mau modo, que ela não podia pôr ali a roupa. Só na plataforma.

A mulher não quis porque a roupa não era dela e tinha medo de a perder.

Nisto um rapaz duns 14 anos deu o lugar à velhota e disse que tomava conta da trouxa. A lavadeira, como era uma saloia, não se fiou nisso porque tinha medo de que ele fosse um ladrão. O condutor, fulo com a demora, ia para tocar a campainha quando uma senhora o segurou e disse à mulher que não tivesse medo pois aquele rapaz era um escoteiro: pois o seu filho também o era, e não havia nenhum perigo. A lavadeira sentou-se meia convencida e quando chegou ao seu destino, foi-lhe entregue a trouxa, como também foi ajudada a descer do carro.

O ESCOTEIRO É AMIGO DOS ANIMAIS

Na Ericeira, para onde vou todos os anos passar as férias grandes, tive ensejo de praticar o que me parece uma boa acção com os animais.

O dono da casa, para onde costumo ir, é caçador e tem três cães de caça. Um deles chama-se Farrusco, por ter a mania da caça ficava sempre preso, excepto nos dias de caça.

Mas uma vez o dono saiu e não o levou; ele tantas voltas deu a ver se se libertava da corrente que o prendia, que nela se enrodilhou a ponto de se não poder mexer. Estava um dia de calor ardentíssimo.

Quando vim da praia, encontrei o pobre animal cheio de sede e sem poder chegar à água. Condoeu-me tanto a posição aflita do pobre animal que me apressei a desprendê-lo e a dar-lhe água fresquinha.

O olhar de agradecimento que o cão me lançou valia mais do que muitas palavras.

●

7) Deveres para com Deus, a Pátria, o semelhante e para consigo próprio.

Escoteiro: Relê o que ficou escrito no teu livro «PARA SER ESCOTEIRO» com referência a esta prova.

e todos declararam que não sabiam nem tinham visto tal coisa; e, à maneira que passavam, ao pé do culpado, diziam-lhe que não tivesse medo porque ninguém o acusaria. Chegou a vez de também ele ser chamado ao superior e então contou-lhe toda a verdade e confessou a sua culpa. Quando os companheiros souberam isso, foram ter com ele e perguntaram-lhe porque não tinha ele ocultado a verdade. Então, respondeu o rapaz:

— Eu sou escoteiro e o escoteiro é verdadeiro e a sua palavra é sagrada. Antes quis sofrer um castigo que faltar à verdade.

CONTO SOBRE A LEI DO ESCOTEIRO

Dia de grande festa no Liceu.

Uma senhora passeia aflita no átrio: um escoteiro aproxima-se e pergunta-lhe se lhe pode ser útil em alguma coisa. A senhora responde que sim, indo lá acima ver se lá estava o seu filho, porque não sabia onde ele estava desde as 8 horas da manhã. O escoteiro galga a 4 e 4 os degraus das escadas e, chegando à sede, encontra um outro escoteiro à paneada com um rapaz; os dois estavam esmurrados, mas o escoteiro mais que o seu adversário. O nosso rapaz depois de muito custo leva os dois ao médico escolar e trata-os com igual carinho. Mas, não esquecendo a senhora aflita», pede a um escoteiro que vá ao ginásio ver se o pequeno lá está. Daqui a bocadinho aparece o rapaz. O escoteiro deixa os dois adversários entregues ao cuidado do outro escoteiro, e vem com o pequeno até ao átrio onde a mãe o esperava impacientemente; depois de muitos agradecimentos ao escoteiro, retiraram-se ambos. O escoteiro, enquanto subia a escada para ir ver como estavam os esmurrados, ia desatando o «nó» que tinha feito na sua GRAVATA.

Uma vez, uma lavadeira já velha, que trazia uma trouxa de roupa, queria subir para um carro eléctrico,

O ESCOTEIRO É CORTÊS E LEAL, TODOS OS ESCOTEIROS SÃO SEUS IRMÃOS

bre de um e de todos manter o honra do nome comum; finalmente, prestam-se assistência mútua nos seus revezes, do mesmo modo que repartem uns com os outros as graças da prosperidade.

(Resumo de um trecho de Trindade Coelho).

A Pátria é a nossa grande família. Devemos, por isso, amá-la e servi-la como consequência desse amor. O primeiro dever do jovem para com a sua pátria é o dever de se instruir. Um escoteiro deve ser sempre um bom estudante, porque, quanto mais enriquecer o seu intelecto, mais útil pode ser ao seu país.

Um escoteiro deve ser sempre um bom cidadão. Cumpridor das leis da nação, cumprindo os deveres cívicos; liquidando pontualmente as contribuições para o erário público, elegendo os seus governantes, honrando com a sua vida exemplar a sua pátria.

Um escoteiro deve ser sempre um bom profissional, aperfeiçoar toda a obra que saia da sua mão, conhecendo a técnica do seu ofício, de forma a honrar a sua pátria através do trabalho nacional.

Em caso de perigo, se um inimigo quiser pisar a nossa terra e arrebatar-nos a nossa independência nacional, devemos servir a nossa Pátria até ao sacrifício de darmos o nosso sangue em sua defesa, e, unidos a **todos** os outros portugueses, expulsar o inimigo para longe das nossas casas, para além-fronteiras.

DEVERES PARA COM O SEMELHANTE

Todos os nossos semelhantes, membros de qualquer país, raça ou de qualquer opinião, merecem o nosso respeito como criaturas de Deus. Sempre que encontrar alguém em aflição ou em dificuldade, o escoteiro tem o dever de estender a mão em seu auxílio sem indagar quem é e o que pensa.

Amar o nosso próximo, acarinhando-o na dor, socorrendo-o nas necessidades, auxiliando-o nas fraquezas, é

um dever consequente do nosso amor a Deus e uma das formas práticas de O servir.

Nunca percas uma única oportunidade de auxiliar alguém que carece da tua ajuda.

Não incomodar, aqueles que nos cercam, com barulho ou atitudes inconvenientes, não estorvar aqueles que lutam pela manutenção da vida, são deveres para com o nosso semelhante.

Retribuir com justiça aqueles que nos servem é um dos grandes deveres para com o nosso semelhante.

Prestar diligentemente o serviço profissional de que nos encarregámos — ainda mesmo que estejamos mal recompensados — é um dever para com o nosso semelhante.

DEVERES PARA CONSIGO PRÓPRIO

O Escoteiro tem também deveres para consigo próprio. *Respeitar-se a si próprio*, como manda o artigo 2.º da Lei, é o primeiro destes deveres. Para isso ele procura ter um comportamento digno e exemplar.

Cuidar do seu corpo e manter a sua saúde física e mental é outro grande dever para consigo próprio. Que nunca um escoteiro se esqueça de que o seu corpo se deve manter puro e limpo como o património mais precioso que possuimos.

Manter a alma pura — alma que um dia entregará a Deus — é outro dever do escoteiro para consigo próprio. Só aquele que cumpre estes deveres para consigo é homem digno.

●

8) Acampamentos

(Mínimo de 3 noites debaixo de tenda)

O campo é o lugar próprio das actividades do escoteiro. Por isso ele deve conhecer a vida em contacto com a natureza e deve estar habilitado a montar um acampamento.